



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) de Paracambi

Paracambi-RJ, 09 de junho de 2006

Bem, primeiro quero cumprimentar o ministro da Educação, meu companheiro Fernando Haddad,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro prefeito de Paracambi, André Luiz Ciciliano,

Quero cumprimentar o nosso querido professor Luiz Edmundo Vargas de Aguiar, diretor-geral do CEFET Química de Nilópolis,

Quero cumprimentar o senador Marcelo Crivella, que muito tem apoiado o governo no Senado da República,

Quero cumprimentar os nossos companheiros e companheiros deputados e deputadas federais Carlos Santana, Elaine Costa, Jandira Feghali, Jorge Bittar, Luiz Sérgio e Sandro Matos,

Quero cumprimentar os deputados estaduais e deputadas Délio Leal, Cida Diogo, Gilberto Palmares e Jurema Batista,

Quero cumprimentar os prefeitos Artur Messias da Silveira, de Mesquita,

Quero cumprimentar Carlos Rogério dos Santos, de Queimados,

Quero cumprimentar Darcy dos Anjos, de Seropédica,

Quero cumprimentar Eduardo Ramos da Paixão, de Engenheiro Paulo de Frontin,

Quero cumprimentar Eurico Pinheiro Bernardo Júnior, de Vassouras,

E quero cumprimentar – nem sabia que você chamava Luiz – Luiz Lindberg Farias Filho, de Nova Iguaçu,

Quero cumprimentar os nossos queridos “mata-mosquitos”,

Bem, primeiro quero dizer que o que nós fizemos hoje eu poderia ter



feito ontem, em Brasília, e resolvi fazer aqui, porque durante muitos e muitos anos, nesses últimos anos, todas as vezes que eu vim ao Rio de Janeiro, em algum lugar tinha um companheiro mata-mosquito reivindicando o reconhecimento da legalização do seu direito de trabalho. Então, eu acho que vocês cumpriram a missão de vocês, andando com esses “mosquitões” pelo Brasil afora, e eu cumpri com a minha missão, de reconhecer a digna profissão de vocês.

Quero cumprimentar as mulheres, os homens e as crianças de Paracambi e da região,

Quero cumprimentar o companheiro Miguel, que estava lá em Maria das Graças,

Quero cumprimentar a Jaqueline, que é do MEC,

Quero cumprimentar todas as pessoas que estavam em Maria das Graças,

E quero dizer aos companheiros do Colégio Pedro II que eu ia a Realengo hoje, não fui, mas, se eu vier para o Rio de Janeiro, no dia 14, possivelmente, Fernando Haddad, a gente tenha que pagar o compromisso que a gente não pôde cumprir hoje, lá em Realengo.

Mas, meus companheiros, companheiras, ficar diante de um monumento como este, sabendo que durante quase um século foi uma fábrica, razão da existência desta cidade, geradora de riquezas, geradora de empregos para mulheres e homens durante quase um século, e saber que hoje, em função dos avanços tecnológicos, em função da diversidade da indústria, ela não pode funcionar mais como uma empresa, transformar um monumento como este numa escola técnica, a gente pode dizer, Fernando, que, sem dúvida nenhuma, será a escola técnica mais bonita do Brasil.

Isto aqui não é o lançamento de uma pedra fundamental, é o lançamento de milhões de tijolos que já estão fincados aí, preparados para começar as



aulas. E vou dizer para vocês porque eu quero resolver o problema das escolas técnicas no Brasil e da formação profissional. Primeiro, porque eu sou pai de cinco filhos. Segundo, porque eu devo tudo o que eu sou na vida, primeiro a vocês, depois a um curso profissional que eu fiz aos 14 anos de idade. Vocês sabem, eu não fiz universidade, não porque eu não queria fazer, mas porque na época, como hoje ainda, milhões de brasileiros e brasileiras não podiam fazer. Jovens de 17, 18 anos terminam o segundo grau, prestam vestibular, passam, e quando vão se matricular em fevereiro e ficam sabendo do preço da mensalidade, voltam para casa desanimados, sabendo que estão perdendo a esperança de ter um curso superior. Isso, em parte, nós estamos tentando resolver, e não é fácil resolver, em pouco tempo, o descaso de 500 anos neste país.

Como disse o nosso ministro Fernando Haddad, nós iremos terminar este ano com quatro universidades federais novas que estamos fazendo, iremos terminar com seis faculdades que estamos transformando em universidades, iremos concluir 42 extensões universitárias por todo o interior do país. Ontem, aprovamos um projeto de lei criando mais nove escolas técnicas para se juntarem às 32 que estamos fazendo, portanto, vamos ter logo, logo, mais 41 escolas técnicas no Brasil. E ainda é muito pouco, diante das necessidades.

Eu vou contar uma coisa para o Fernando Haddad, que é professor da USP e, possivelmente, não tenha vivido esse drama. Um menino desses, Fernando, escolha aí qualquer menino desses que tem 16 anos de idade, que já concluiu o ensino fundamental e vai fazer o segundo grau. Muitas vezes ele quer trabalhar para ajudar no orçamento da família, mas pelo fato de ele ter 17 anos, ter concluído o ensino fundamental e o segundo grau e não ter uma profissão, esse jovem tem uma dificuldade muito grande de arrumar emprego.

Eu me lembro de que o meu filho Luis, que é o meu caçula e que tem 21 anos, ficava pedindo para mim: “pai, eu quero trabalhar, pai eu quero



trabalhar.” Eu falava: “o que você sabe fazer? Nada”. Ou seja, ele tirou o colegial, mas não tinha uma profissão, então vai ter que trabalhar de balconista numa loja, vai ter que fazer qualquer coisa, porque não tem profissão. E eu digo isso, Fernando, porque se essa menina toda tivesse a oportunidade de junto com o segundo grau aprender uma profissão, com uma profissão eles seriam profissionais em qualquer lugar do país e em qualquer lugar do mundo. Quando você chega com uma carteira dizendo que você tem uma profissão, você é tratado com deferência pelo departamento de recursos humanos das empresas. O cara até pode dizer que não tem vaga, mas ele vai ficar com a sua ficha, porque ele sabe que está diante dele um profissional qualificado, de quem amanhã ele pode precisar. Quando a gente não tem profissão, eles nem fazem a ficha da gente, eles falam: “pode ir embora, volte outro dia”.

Então, eu digo e repito sempre: eu sou filho de uma mulher que teve oito filhos, teve 12, quatro morreram, ficaram oito vivos, eu sou o caçula dos homens, e eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um diploma primário, fui o primeiro a aprender uma profissão. Por conta disso, por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa própria, eu fui o primeiro filho a ter uma televisão, a ter uma geladeira, a ter um carro. Por conta de uma profissão, Fernando.

Você não imagina o quanto na vida de uma menina ou de um menino um curso, por mais simples que seja, de secretária, uma menina que tem uma iniciação em informática, que sabe manusear um computador, a possibilidade de ela ter um emprego é muito maior do que uma pessoa que não tem nenhuma iniciação profissional. Se um menino tiver um curso de eletricista, um curso de projetista, um curso de desenho, qualquer coisa que possa dar a ele uma credencial, um curso de Turismo ou de uma série de profissões novas que apareceram no mercado, a possibilidade de ele arrumar um emprego... se não tiver aqui em Paracambi, ele vai em outro lugar, vai ali, e arruma um emprego. Ele vai comprar o jornal no final de semana e vai ter uma vaga para ele. Agora,



se não tiver profissão, é triste. A gente sai de casa de manhã, bota a carteira profissional no bolso, anda até uma, duas horas da tarde, volta para casa com a carteira suada e amassada e, quando chega em casa, tem gente que chama a gente de vagabundo porque não arrumou emprego. Essa é a verdade, meu querido Ministro da Educação. Essa é a verdade para milhões e milhões de adolescentes neste país, de quem nós precisamos cuidar com muita urgência porque se a gente não cuidar enquanto é adolescente e tem esperança, nós teremos que cuidar mais tarde, quando ele for adulto, já sem esperança, para gastar com cadeia o dinheiro que a gente não gastou com escola.

Por isso é que cada vez que eu venho inaugurar uma escola técnica, um curso profissional, eu volto para casa, deito a cabeça no travesseiro e falo “mais uma missão cumprida”. Acontece que no Brasil estava proibido fazer escola técnica. Uma pessoa qualquer, que eu não sei quem, não importa quem, mas normalmente deveria ser alguém que tinha diploma universitário, deveria ser alguém que já tinha tirado o seu diploma e, muitas vezes, as pessoas tiram o seu diploma e esquecem que os outros também precisam tirar. Então, neste país, em 1998 alguém decidiu mandar para o Congresso Nacional um projeto de lei em que a União não deveria mais cuidar do ensino técnico.

O dado concreto é que, possivelmente, faltasse a algumas pessoas no Brasil conhecer profundamente a realidade brasileira. A realidade brasileira, pelo interior do país, pela periferia das grandes cidades, pelo interior do Nordeste brasileiro, do Norte do país, as pessoas ainda são muito carentes, as pessoas são muito necessitadas de coisas que nós, que moramos nas capitais, não nos damos conta. Gente, quando nós criamos o Programa Luz para Todos, possivelmente um jovem que nasceu no centro de uma cidade, com luz elétrica, que pisou no asfalto, já nasceu com calçada, guia, sarjeta, asfalto, não tem dimensão dos valores dessa coisa. Quando a gente chega no interior do Brasil – e já fizemos 3 milhões e meio de pessoas atendidas – e a gente acende uma luz, no fundo, no fundo, nós estamos tirando uma pessoa do



século XVIII e levando para o século XXI. É como se fosse uma máquina do tempo.

Agora, essas pessoas que estão mais afastadas, essas pessoas não têm sindicato, essas pessoas não têm partido político, essas pessoas não têm com quem reclamar. Então, se o Estado ficar esperando alguém ir lá no Palácio falar: “Presidente, nós queremos isso”, não vai. O governo é que tem que ir lá onde estão as pessoas, o governo é que precisa conhecer a totalidade do território nacional. E eu aprendi isso muito cedo, fazendo as Caravanas da Cidadania, sabendo a necessidade do nosso povo.

Nós precisamos, viu, Fernando, nesses nossos cursos, aqui, eu estou vendo muita mulher, aqui, e tem um curso que as mulheres pedem muito, que é um curso de enfermagem. Em vários lugares que eu vou está cheio de moça dizendo: “Eu queria ter um curso de enfermagem”. Na faculdade mesmo, que a gente está inaugurando, alguém vai falar: “Bota um curso de enfermagem aqui, Presidente”.

Eu acho isso extremamente importante, porque o Brasil precisa disso, sobretudo, nos lugares mais pobres. Porque, também, o Brasil é assim: você chega na avenida Paulista, chega na avenida Copacabana, chega na rua da Praia, em Porto Alegre, tem médico trombando em médico. Agora, quando a gente vai para o interior, pode pagar o que for que não tem médico. Tem uma disparidade neste país. Então, nós precisamos fazer com que a gente dê formação, em função da realidade de cada local.

Então, meus companheiros, confesso a vocês que... hoje eu vi uma matéria no jornal, não sei nem se está com meus assessores, aí, o Lindberg deve ter lido. Hoje, a imprensa publica uma matéria que me faz, primeiro, muito feliz, ou seja, é o melhor nível de renda dos pobres, desde 1960. Esses dias, eu vi uma outra manchete que me deixou feliz: 94.2% das crianças pobres, no Brasil, já comem 3 vezes ao dia.

Eu quero dizer para vocês uma coisa que eu aprendi: muitas vezes, no



meu gabinete, no gabinete do Presidente nunca entra boa notícia, quando ninguém consegue resolver, aí chega para mim, quando resolvem no Ministério, nem me comunicam, fazem a festa lá no Ministério. Mas quando dá problema, aí vai lá, no meu gabinete: “Presidente, está difícil, vê aqui se resolve”.

Mas eu, como tenho muita paciência e muita boa vontade, eu estou convencido do seguinte: muitas vezes, no meu gabinete, entra gente para pedir projetos de 3 bilhões, 4 bilhões, 5 bilhões, 6 bilhões, tudo grandes projetos. E o que a gente faz para o povo pobre custa tão pouco, neste país, porque o pobre não tem megalomania, o pobre quer coisa simples: ele quer ter o direito de morar, ele quer ter o direito de tomar café, almoçar e jantar, e ele reivindica o direito de ter uma boa qualidade de saúde e de ter uma boa qualidade de educação. Ele pede pouca coisa. E ele quer trabalhar, ele quer estudar. É pouca coisa, é por isso que nós acabamos com esse negócio de dizer: “Ah, estamos gastando dinheiro com pobre”. Eles gastam com pobre, eu invisto nos pobres, porque quando um governo garante que uma criança tome café de manhã, almoce e jante, esse governo não está precisando de mais uma consulta médica no hospital, portanto, fica mais barato, fica mais barato cuidar para as pessoas não ficarem doentes.

Quando a gente falava de educação: “Ah, está gastando muito com educação, é ganância, ganância, ganância”. Não, não tem nenhum investimento mais rápido e de retorno mais garantido do que dar conhecimento a um ser humano. Por mais elementar que seja, quando um ser humano tem conhecimento, ele sofre uma revolução interna. Eu me lembro que eu vim aqui no ano passado no curso de alfabetização, e tinha uma senhora de 94 anos de idade, e ela, ao receber o diploma de alfabetizada, falou para mim: “Presidente, eu quero que o senhor venha quando eu tirar o meu diploma universitário, porque eu vou prestar vestibular para fazer universidade”. Uma pessoa com 94 anos, com a esperança que tinha aquela senhora, nos motiva a dizer para



vocês, mais jovens: “não há nenhuma razão para a gente perder a esperança. Não há nenhuma razão para a gente não acreditar que pode construir um amanhã muito melhor do que o hoje que nós vivemos. Não há nenhuma razão para a gente não acreditar que o ano que vem será melhor do que o ano passado”. O que nós não podemos é permitir que o pessimismo tome conta de nós. Nós temos que nos levantar com energia positiva, pensando as coisas para frente, acreditando que é possível. Afinal de contas, nós somos cristãos ou não somos? Nós temos fé ou não temos? Então, por que a gente vai perder a esperança? Quando nada tiver mais solução, a gente pede uma ajudazinha para Deus, ela vai vir e a gente se salva.

Muito obrigado, gente, meus parabéns e até outro dia.